



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA**

**“MACHO DO SÉCULO XXI”, POR CLAUDIO HENRIQUE DOS SANTOS, SOB
A PERSPECTIVA DA AD FRANCESA**

LAYS LANA ALVES ALFANO

ITABAIANA/SE

2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA**

**“MACHO DO SÉCULO XXI”, POR CLAUDIO HENRIQUE DOS SANTOS, SOB
A PERSPECTIVA DA AD FRANCESA**

LAYS LANA ALVES ALFANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS) – Campus Prof. Alberto Carvalho como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciatura em Letras- Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Elias Verdiani Tfouni

ITABAIANA/SE

2022

LAYS LANA ALVES ALFANO

**“MACHO DO SÉCULO XXI”, POR CLAUDIO HENRIQUE DOS SANTOS, SOB
A PERSPECTIVA DA AD FRANCESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS) – Campus Prof. Alberto Carvalho como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciatura em Letras- Português.

Aprovado em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Fábio Elias Veridiani Tfouni - UFS

Examinador: Prof. Dr. Gilvan Santana de Jesus

Itabaiana

2022

Aos meus pais e meus avós, principalmente, pois não tiveram a oportunidade de estudar.
A todos que não experienciaram a vivência numa Universidade Federal.

AGRADECIMENTOS

O sentimento de gratidão é imensurável, pois sou privilegiada por possuir tantas pessoas as quais fazem da minha vida uma experiência Divina. Por isso, primeiramente, o expressar da minha gratidão se deve à minha família, que sempre me depositou confiança e credibilidade para que eu pudesse chegar onde estou: Irene Alves, minha mãe; João Bosco, meu pai e Gabriel Alfano, meu irmão caçula; meus tios amados, primos e sobrinhos.

A Walber Carlos Cunha Barreto (*in memoriam*) um anjo personificado que passou tão rapidamente pela minha vida, logo no início do meu ciclo acadêmico, mas que deixou tamanha marca positiva, esta que se tornou atemporal, inesquecível.

A todos os professores do curso que corroboraram para a minha construção como Docente das Letras, em especial ao Professor Dr. Fábio Tfouni, por ter me dado a oportunidade de mostrar-lhe todo o meu potencial como sua orientanda, bem como ao Professor Dr. Gilvan Santana, que se prontificou a avaliar-me através do seu conhecimento enriquecedor. Muita gratidão a cada um de vocês.

A todos os meus colegas de classe, sobretudo aos amigos herdados durante esse período crucial: Rivam Gama, meu amigo inestimável e leal; Raulina Andrade, minha amiga-mãe; Fabiana Souza e Danielle Teles, minhas amigas da UFS para a vida; Marcos Antônio, que me acompanha desde o ensino médio; Júlia Renata, minha amiga inspiradora; meus amigos “Família Vingadores”: Laís Vasco, Jeverton Santiago, André Santos, Valéria Santana. Também não poderia deixar de mencionar o meu amigo Denner Santos, que sempre me impulsionou para o alcance dos meus objetivos; meu amigo psicanalista Érico João, um ser brilhante; Meus amigos-irmãos Marcos e Tiago. Meus amigos de longa data: Bruna Santana, Flávia Stéfanny e Iramaya Menezes, Taynara Monteiro, Vanderson, Augusto, Aldo Franklin e Rodrigo que os trago desde o ensino básico e que nunca hesitaram em me ajudar.

A Davi Andrade, um anjo especial que durante a minha trajetória, não mediu esforços para me fazer mais feliz; à professora Elisângela, modelo inspirador que, no ensino médio contribuiu especialmente para o meu caminho nas Letras; à professora Delma do Departamento de Educação, um ser humano ímpar; ao meu chefe e grande amigo Carlos Alberto, um ser humano iluminado e do bem.

Enfim, são várias menções, além das quais por esquecimento não foram citadas, mas que contribuíram diretamente e despretensiosamente para essa conquista coletiva.

“O fracasso jamais o surpreenderá se sua decisão de vencer for suficientemente forte.”

- Og Mandino

RESUMO

Embasado a partir das diretrizes estabelecidas pela teoria do Discurso de Linha Francesa, concebida por Michel Pêcheux (1997) e, no Brasil, estudada por Eni P. Orlandi, além de outros pesquisadores da área, dando enfoque as categorias de Sujeito, Formação Discursiva, Formações Imaginárias, Condições de Produção e Memória, este trabalho objetiva analisar recortes discursivos contido na autobiografia “Macho do século XXI: o executivo que virou dona de casa. E acabou gostando”, publicado no ano de 2013, pela editora Claridade. O desenvolvimento ocorre a partir da problemática a qual o autor se insere numa realidade “homem do lar” e, na tentativa de habituar-se à nova temática, ele descreve, em 23 capítulos, a sua jornada. Diante da leitura minuciosa sob a ótica da AD, percebe-se que o autor não assume amistosamente esse novo formato de vida. O material de estudo se constitui de leituras de artigos, livros de pesquisadores da Análise do Discurso, do mesmo modo que o exame e fichamento do livro utilizado como *corpus*. O objetivo geral deste trabalho é compreender como o sujeito discursivo se manifesta mediante a sua nova forma de vida – ‘*daddy in home*’. Sabe-se que, ao final, tem-se o diagnóstico de que assumir papéis consideráveis pré-estabelecidos no imaginário cultural da sociedade na sua inversão, causa, de certo modo, indignação, embora, por se tratar de um texto publicado, o escritor procura atenuar o preconceito latente a partir de um discurso de autoajuda.

Palavras-chave: Análise do Discurso; homem do lar; Discurso; Imaginário Cultural.

ABSTRACT

Based on the guidelines established by the theory of the French Line Discourse, conceived by Michel Pêcheux (1997) and, in Brazil, studied by Eni P. Orlandi, in addition to other researchers in the area, focusing on the categories of Subject, Discursive Formation, Imaginary Formations, Conditions of Production and Memory, this work aims to analyze discursive clippings contained in the autobiography “21st century male: the executive turned housewife. And ended up liking it”, published in 2013, by Claridade publishing house. The development takes place from the problem in which the author inserts himself in a “home man” reality and, in an attempt to get used to the new theme, he describes, in 23 chapters, your journey. In view of the detailed reading from the perspective of DA, it is clear that the author does not amicably assume this new format of life. The study material consists of readings of articles, books by researchers of Discourse Analysis, in the same way as the examination and registration of the book used as corpus. The general objective of this work is to understand how the discursive subject manifests itself through its new way of life - “daddy in home”. It is known that, in the end, there is a diagnosis that assuming considerable roles pre-established in the cultural imaginary of society in its inversion, causes, in a way, indignation, although, as it is a publicized text, the writer seeks to attenuate the latent prejudice from a self-help discourse.

Keywords: Discourse Analysis; man of the house; Speech; cultural imaginary

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
ASPECTOS TEÓRICOS	14
2.1 Um breve estudo sobre Análise do Discurso (AD)	14
2.2 Principais conceitos da Análise do Discurso (AD)	15
2.2.1 Noção de Sujeito	15
2.2.2 Ideologia	17
2.2.3 O processo de Formação Discursiva (FD) e o Interdiscurso	18
2.2.4 Condições de Produção e Memória	20
2.2.5 Formações Imaginárias	21
Uma breve representação da participação masculina nas tarefas domésticas.	22
ASPECTOS METODOLÓGICOS	24
ANÁLISE DO CORPUS	26
4.1. Análise da fotografia	26
4.2. Sujeito Dividido: análise de três (3) recortes	28
4.3. Formação Discursiva (FD): análise de 1 (um) recorte	30
4.4 Formações Imaginárias: análise de 3 (três) recortes	30
4.5 Condições de Produção e Memória: análise de 3 (três) recortes	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – PÁGINA 1227

1 INTRODUÇÃO

Os papéis atribuídos aos sexos feminino e masculino, antes justamente demarcados, hoje se inserem em um processo de maior flexibilização, dado que a ideia de papéis pré-estabelecidos encontra-se sedimentada no imaginário cultural da nossa sociedade. Tradicionalmente, atribui-se ao homem/pai/esposo a função de suprir o sustento do grupo familiar e à mulher/mãe/esposa as funções de cuidar e prover os afetos dos membros da família. No entanto, existe um movimento cada vez mais crescente de desconcentração dessas funções do núcleo familiar, resultante de um desencadear de fatores históricos que influenciaram nessa “quebra de padrão”.

A mulher vem ao longo de décadas destacando-se pelo seu poder de adaptação e sobrevivência às mudanças e a ação da reestruturação familiar. Com o nascimento do capitalismo industrial em 1789, na Revolução Industrial, bem como com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, a mulher engaja-se gradativamente ao mercado de trabalho, antes dedicada integralmente aos cuidados do núcleo familiar. A partir de então, paulatinamente, até chegar à Idade Moderna, a mulher/esposa/mãe é revista de grande importância à família, seja pela satisfação das necessidades econômicas ou pela realização pessoal de si mesma. O homem, por sua vez, culturalmente considerado provedor do sustento familiar, protetor dos membros que a compõem, este que ao longo da história da humanidade esteve numa posição de poder, atualmente, tornou-se versátil, ocupa uma posição igualitária, compete com mulheres no mercado de trabalho e exerce funções que eram dadas como exclusivas das mulheres, como, por exemplo, cuidar da casa, surgindo, dessa maneira, o que chamamos de “homens do lar”.

A ideia de inversão dos papéis acima citados, estes que são resultantes de uma construção social, traz alguns questionamentos, sobretudo no que se refere à afirmação de que existem papéis estabelecidos/inerentes a um determinado indivíduo de acordo com o seu sexo, de tal maneira que a divisão sexual do trabalho reflete velhos estereótipos de gênero, consequentemente constituídos por uma cultura conservadora e andocêntrica.

A figura “homem do lar”, isto é, um homem que exerce funções domésticas, como também cuidar dos filhos, enquanto a mulher é a única provedora do sustento, concebe-se a partir de uma nova configuração familiar. Com a figura feminina alcançando os mais altos cargos de chefia, seja no setor público ou no setor privado, assumindo, dessa maneira, funções

sociais, econômicas e políticas – a mulher na sua pluralidade – surge a necessidade da responsabilidade compartilhada, dessa vez tendo a segunda figura - a figura masculina, exercendo atribuições antes tidas como incompatíveis ao homem e que, até então, embora a influência da mídia estrangeira tenha contribuído para esse rearranjo familiar, ainda percebe-se uma resistência, pois o predomínio da masculinidade hegemônica mantém costumes ultrapassados, ao mesmo tempo que elenca fatores os quais os homens não devem abolir.

Destarte, o tema do presente trabalho é “Homens do lar: o estigma social imputado à nova geração masculina, por Cláudio Henrique Santos em *Macho do século XXI: o executivo que virou dona de casa. E acabou gostando*” e será estudado através do respectivo livro citado, sob a perspectiva da AD Francesa a partir das categorias elencadas: Sujeito, Ideologia, Formação Discursiva e o Interdiscurso, Condições de Produção e Memória e Formações Imaginárias. A princípio, superficialmente, o leitor se depara com um título sugestivo; tem-se a impressão de que o texto discorrerá sobre a intenção de um homem (Macho do século XXI, assim se autodenomina o autor) antichamista que pontua o seu processo de adaptação a uma realidade moderna. No entanto, é integralmente notável que o autor não assume o papel de bom grado, resultando num texto publicitado.

O autor narra em vinte e três capítulos suas aventuras como *daddy in home* (literalmente “papai em casa”), iniciadas após convite recebido pela esposa Daniele para trabalhar em Cingapura. A expatriação da esposa e o impacto que a mudança causou na vida da família Santos – que decidiu embarcar rumo ao duplamente desconhecido: um país de cultura exótica aos olhos ocidentais e uma configuração familiar fora dos padrões não só brasileiros, mas também asiáticos – são narrados em linguagem simples e descontraída, marcada pelo tom memorialístico típico do discurso autobiográfico, mas também por acentuado pelo discurso da autoajuda, de caráter pedagógico.

Levando em consideração que existe uma certa carência em relação ao tema abordado, uma vez que, apesar de muito atual, são poucas as opções de literatura que versa tal assunto, surge a necessidade de tratar tal temática a fim de se obter uma nova visão de mundo, sobretudo uma visão crítica, bem como contribuir para a desconstrução daquilo que é considerado conservador. Para isso, o trabalho será desenvolvido sob a perspectiva da Análise do Discurso, pois ela tenta entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. (GREGOLIN, 2007, p. 20).

Para desenvolver o conteúdo desse trabalho, estabeleceu-se o seguinte problema de pesquisa: A partir dos mecanismos ofertados pela Análise do Discurso, é possível afirmar que o enunciador da obra analisada assume essa nova configuração de “homens do lar?”. E, para responder à problemática, institui-se o seguinte objetivo geral: “compreender como o sujeito discursivo se manifesta mediante a sua nova forma de vida – ‘*daddy in home*’”, seguido dos objetivos específicos: analisar os dez (10) recortes retirados do livro, assim como analisar a figuritivização dos elementos contidos na imagem do primeiro capítulo; examinar a não-assunção do ator “Macho do século XXI” e descrever os papéis desempenhados pelo homem atual em discrepância aos deveres estabelecidos pela masculinidade hegemônica, sob total perspectiva das categorias do Discursos ofertadas pela AD Francesa.

A respeito dos aspectos metodológicos, priorizou-se a abordagem qualitativa, que leva em consideração a subjetividade do *corpus*.

Composto por três capítulos, este trabalho foi desenvolvido a partir das leituras indispensáveis de Pêcheux (1997), Orlandi (2005), Indursky e Ferreira (2007) e Fiorin (1998). O primeiro capítulo trata dos aspectos teóricos que compõem o estudo do *corpus*, os quais abordarão os principais conceitos da Análise do Discurso (AD) – estudos de Pechêux, bem como a contextualização temática. Além disso, no segundo capítulo, encontram-se os aspectos metodológicos. Já no terceiro, tem-se a análise propriamente dita, esmiuçada, a partir dos mecanismos oferecidos pela área de estudo, relacionando o tema à teoria. Nas considerações finais, por fim, chega-se à conclusão da problemática exposta, fazendo uma recapitulação dos principais pontos e demonstração das perspectivas.

A partir do referencial teórico da Análise do Discurso (AD), de matriz francesa, utilizando-se como eixo central as teorias de Michel Pêcheux, este projeto propõe investigar e compreender a relação entre o sujeito e o discurso nos recortes retirados do livro selecionado.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

2.1 Um breve estudo sobre Análise do Discurso (AD)

A Análise do Discurso de linha francesa, como a própria nomenclatura expõe, surgiu na França, no final da década de 60, tendo Michel Pêcheux como o seu principal articulador, Segundo Indursky e Ferreira (2007). Essa linha teórica, que surge num período coincidente ao surgimento do estruturalismo, traz um novo paradigma de formatação do mundo, das ideias e das coisas, sobretudo para os estudiosos franceses. Com a deliberada exclusão do sujeito, assim definido pela autora, o que marcou os anos 50 e 60, diante do triunfo do estruturalismo, surge, no âmbito das ciências humanas, diante das interrogações deixadas em 68, um sujeito visto num novo cenário. Dessa forma, a Análise do Discurso, do ponto de vista político, nasce de uma perspectiva transformadora/intervencionista. Pensando nisso, Denise Maldidier (1990), afirma que:

O projeto de Michel Pêcheux nasceu na conjuntura dos anos de 1960, sob o signo da articulação entre a Linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. Ele foi progressivamente amadurecido, explicitado, retificado. Seu percurso encontra-se plenamente com a conjuntura teórica que se instala na França a partir de 1975. De um lado, a crítica das teorias e das coerências globalizantes, com o abrandamento das positivities. De outro lado, o retorno do sujeito, as derivas em direção ao vivido e ao indivíduo. Introdução da política no espetáculo! É a grande fratura. Abandona-se o tempo da “luta de classes na teoria” para entrar naquela do “debate”. Nesse novo contexto, Michel Pêcheux tentou no limite do possível, repensar tudo aquilo que o *discurso*, enquanto conceito ligado a um dispositivo, tinha desenhado para ele. (MALDIDIER, p. 08, 1990).

Diferentemente da Análise de Conteúdo, que procura extrair sentidos dos textos, de modo que especifica o que um determinado texto quer dizer, a Análise do Discurso propõe um estudo da linguagem que não é vista de maneira transparente: a questão a ser respondida não é “o quê?”, mas “como?” de acordo com Orlandi (2005).

Para que a Análise do Discurso se constituísse, houve a contribuição de “três domínios disciplinares” ou “filiações teóricas”, citados anteriormente que, segundo Orlandi (2005), são ao mesmo tempo uma ruptura com o século XIX: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Ainda segundo a autora:

A Linguística constitui-se pela afirmação da não-transparência da linguagem: ela tem seu objeto próprio, a língua, e esta tem sua ordem própria. Esta afirmação é fundamental para a Análise do Discurso, que procura mostrar que a relação

linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente um a outro. Cada um tem sua especificidade. (ORLANDI, 2005, p. 19)

Além da Linguística, que Pêcheux adota a noção de língua como mediação entre o homem e o social, tendo como base a crítica ao Estruturalismo Saussuriano, outro campo epistemológico que influenciou na constituição da Análise do Discurso de linha francesa como escola de pensamento, foi o Marxismo, pois dentro da relação discurso e ideologia, proposto pelo pensamento de Pêcheux, a teoria elaborada por ele se origina na matriz althusseriana de onde ele retira os conceitos de ideologia e assujeitamento, reinterpretando-os, movimento que o leva a abrir a grade estrutural e, ao mesmo tempo, a repensar a noção de discurso de Foucault. (CESÁRIO; ALMEIDA, 2010).

Salienta-se que no ano de 1975, em uma de suas obras, Michel Pêcheux afirma que — não se fica nunca em dia com o materialismo histórico, ou com o materialismo dialético — e, sobretudo, não se desembaraça deles —, apresentando-os por antecipação, isto é, colocando-os antes de se começar o trabalho: trabalha-se com (PÊCHEUX, 1997 [1975], p. 254). Sendo assim, é notório que a Análise do Discurso pressupõe o legado do materialismo histórico, isto é, o de que “há um real da história de tal forma que o homem faz história mas esta também não lhe é transparente. (ORLANDI, 2005, p. 19).

A Psicanálise, no Discurso, manifesta-se tendo o sujeito disperso devido à reação sofrida quando deparado com o real da língua e também pelo real da história. Em outras palavras, o sujeito discursivo não possui o controle como essas – a língua e a história – o afetam. Isso redundava em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. (ORLANDI, 2005, p. 20).

2.2 Principais conceitos da Análise do Discurso (AD)

2.2.1 Noção de Sujeito

O Sujeito, para a Análise do Discurso, compreende-se aquele que assume a responsabilidade sobre o seu dizer. Para que esse conceito seja entendido, vale ressaltar que dentro dos trâmites da AD, o sujeito discursivo é pensado como um lugar social, não como um indivíduo físico. Deve-se considerar, desde já, que a noção de sujeito não se trata de indivíduos compreendidos como seres que têm uma existência particular no mundo. Um

sujeito se manifesta diferentemente nos mais diversos contextos. Posto isto, Fernandes (2012) diz que:

Afirmamos que o sujeito, mais especificamente o sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro. (FERNANDES, 2012, p. 22).

É a partir do conceito de sujeito discursivo que será possível fazer as devidas interpretações dentro de uma determinada situação dialógica. Até que se constituísse um corpo sólido daquilo que se conhece por Análise do Discurso, houve três fases que contribuíram para que a definição de sujeito dentro dessa corrente teórica fosse estabelecida.

Na primeira fase, o sujeito, o autor do discurso é visto, basicamente, como assujeitado/subordinado, ou seja, um sujeito assujeitado se apropria de um discurso preexistente. Diante disso, supõe-se que não existem discursos originais ou textos individuais.

Sobre o conceito de sujeito assujeitado, diz Pêcheux (1997)

Um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que “utilizam” os discursos quando na verdade são seus “servos” assujeitados. (PÊCHEUX, 1997, p. 47)

A visão de sujeito na segunda fase da AD é a do que passa a representar diversos papéis, diversas funções de acordo com os lugares que ocupa no espaço interdiscursivo. Nessa fase, o sujeito sofre a coerção da formação discursiva, ele não é totalmente livre para exercer mais de uma função, justamente por ser regido a partir da sua formação ideológica. Mussalim (2004) afirma:

Em outras palavras, o sujeito do discurso ocupa um lugar de onde enuncia, e é esse lugar, entendido como representação de traços de determinado lugar social (o lugar do professor, do político, do publicitário, por exemplo), que determina o que ele e pode ou não dizer a partir dali. (MUSSALIM, 2004, p. 107).

Durante a terceira fase, ocorre um reposicionamento da noção de sujeito para a AD. De caráter heterogêneo, o sujeito passa a ser dividido, é o sujeito partido. Dessa maneira, “o ‘eu’ perde a sua centralidade, deixando de ser senhor de si, visto que o ‘outro’, o desconhecido, o inconsciente, passa a fazer parte de sua identidade”. (MUSSALIM, 2004).

Conforme Authier-Revuz,

Podemos nos apoiar em exteriores teóricos que destituem o sujeito do domínio de seu dizer – ao modo da teoria do discurso e do interdiscurso enquanto lugar de constituição de um sentido que escapa a intencionalidade do sujeito, desenvolvida por Michel Pêcheux e, de forma central, da teoria elaborada por J. Lacan, de um sujeito produzido pela linguagem e estruturalmente clivado pelo inconsciente – que dizer, onde o sujeito, efeito de linguagem, advém dividido, na forma de uma não-coincidência consigo mesmo [...] (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 186).

2.2.2 Ideologia

A respeito do conceito de Ideologia, dentro da AD, encontra-se materializada no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem (textos, imagens) para mostrar a concepção de mundo do sujeito inscrito em um determinado grupo social em uma circunstância histórica. De acordo com Fernandes (2008, p. 9) “Linguagem e Ideologia são vinculadas, esta se materializa naquela. Ideologia é inerente ao signo em geral. Sendo assim, diante de toda e qualquer palavra enunciada, procuraremos verificar qual (ou quais) ideologia(s) a integra(m)”.

Segundo Sousa (2011) não se pode desvincular a produção do discurso da intenção do sujeito, já que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Logo, tem-se a relação sujeito/ideologia. A ideologia é constitutiva dos atos de dizer, posto que ela se define como o mecanismo que naturaliza sentidos para o sujeito, tornando-os evidentes, óbvios e naturais.

Para Marilena Chauí (1981),

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e preservam aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. (CHAUÍ, 1981, p.113-114)

De maneira mais clara, sabe-se que na AD, a ideologia se manifesta a partir de acepções herdadas do marxismo. Para que se haja interpretação, é necessário fazer sentido e através desse processo, atesta a presença da ideologia. Diante de qualquer objeto, manifestação simbólica o homem é levado a interpretar, produzindo, dessa maneira, uma relação com o histórico e simbólico. Além disso, o conceito de ideologia é ampliado como “visão de mundo”, ou seja, o modo como um determinado grupo ver sua realidade. No

entanto, nem toda ideologia é uma falsa consciência, logo, “A ideologia é constituída pela realidade e constituinte da realidade. Não é conjunto de ideias que surge do nada ou da mente privilegiada de alguns pensadores. Por isso, diz-se que ela é determinada, em última instância, pelo nível econômico” (FIORIN, 1998, p. 30).

Ademais, Orlandi (2005) afirma que o trabalho da ideologia é o de produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência “[...] a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2005, p. 46).

Ainda segundo a autora,

A ideologia enquanto prática significativa, aparece como efeito da relação indispensável do sujeito com a língua e a relação com a história para que haja sentido. É a ideologia que faz com que haja sujeitos, logo, o efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito. (ORLANDI, 2005, p. 48).

Em *Linguagem e Ideologia*, Fiorin (1998) afirma que a ideologia é uma inversão da realidade, e se há inversão da realidade, a ideologia está presente no objeto, no social, dessa maneira, não pode ser reduzida à consciência. Ela existe independentemente da consciência dos agentes sociais.

2.2.3 O processo de Formação Discursiva (FD) e o Interdiscurso

Para uma conceituação prévia do que é Formação Discursiva, Pêcheux diz o seguinte:

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada conjuntura dada pelo estado de luta de classes, determinada o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (Pêcheux, 1997, p. 147).

Posto isso, em outras palavras, a FD é modo próprio de dizer, é materialização do discurso da formação ideológica: qual a ideologia que se tem? Como essa ideologia se manifesta no discurso? Esses são alguns questionamentos que servem de direcionamento para melhor exemplificar tal conceito.

Além disso, Baronas (2011), explica que,

De acordo com essa definição, uma formação discursiva parece-me melhor compreendida como um jogo de princípios reguladores que formam a base de discursos efetivos, mas que permanecem separados deles. Esta formulação sugere então que palavras, expressões e proposições adquirem seus significados a partir de determinadas formações discursivas nas quais são produzidas (os elementos linguísticos selecionados, como eles são combinados) e, assim o sentido se torna um efeito sobre um sujeito *ativo*, e não uma propriedade estável. (BARONAS, 2005, p. 206).

Pêcheux ainda enfatiza que indivíduos são então interpelados “como sujeitos falantes (como sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas nas quais representam dentro da linguagem as formações ideológicas que os correspondem” (Pêcheux, 1975, p. 111).

A FD, na Análise do Discurso permite a compreensão de produção de sentidos, a sua relação com a ideologia e, segundo Orlandi (2005, p. 43) “ a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada- ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”.

Orlandi (2005) denota que as formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, do mesmo modo que o interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo que já foi dito, aquilo que constitui uma FD. A autora se mostra clara ao afirmar que os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua, estes dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas.

Fernandes (2008) explica que toda FD apresenta, em seu interior, a presença de diferentes discursos, ao que na AD, denomina-se Interdiscurso. Da mesma forma que Intertextualidade é caracterizada pelo entrelaçamento de textos, o Interdiscurso mescla os diferentes discursos oriundos de diferentes momentos da história e de diferentes lugares sociais.

É importante lembrar que segundo Brasil (2011),

Michel Pêcheux apropria-se da noção de formação discursiva e a ressignifica no campo da análise de discurso. Para a análise de discurso o sujeito é o resultado da relação existente entre história e ideologia. O sujeito, na teoria discursiva, se constitui na relação com o outro, não sendo origem do sentido, está condenado a significar e é atravessado pela incompletude. (BRASIL, 2011, p. 174)

O conceito de Formação Discursiva, elaborado por Michel Foucault, ressignificado por Pêcheux, constitui aquilo que é considerado na análise de discurso, enquanto uma teoria materialista, a compreensão dos processos discursivos designados diante das formações discursivas variadas a depender do contexto.

Ao passo que o Interdiscurso não é separado categoricamente estrutura e acontecimento relacionando a linguagem à sua exterioridade, ou seja, o interdiscurso. Sobre essa afirmação, portanto, Orlandi (2005), expõe que Pêcheux

Define este como memória discursiva, o já-dito que torna possível todo o dizer. De acord com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente. O interdiscurso é articulado ao complexo de formações ideológicas representadas no discurso pelas formações discursivas: algo significa antes, em outro lugar e independentemente. (ORLANDI, 2005, p.11).

2.2.4 Condições de Produção e Memória

As condições de Produção são tudo aquilo que, basicamente, compreende os sujeitos e a situação. Orlandi (2005) assevera que as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico e ideológico, do mesmo modo que elas podem ser consideradas em sentido amplo e em sentido imediato. Além disso, pode-se afirmar que as condições de produção estão ligadas a características básicas do contexto interlocutivo, consciente ou inconscientemente, no decorrer da elaboração de um texto. Para melhor esclarecer, Orlandi (2005) contextualiza que,

O contexto imediato é o *campus* onde a faixa foi colocada, os sujeitos que a “assinam” (entidades de funcionários e docentes), o momento das eleições e o fato do texto ter sido escrito em uma faixa e não em outro suporte material qualquer. O contexto amplo é o que traz para a consideração dos efeitos de sentidos elementos que derivam da forma de nossa sociedade, com suas instituições, entre elas a Universidade, no modo como elege representantes, como organiza o pode, distribuindo posições de mando e obediência. (ORLANDI, 2005, p. 31).

Sobre contexto imediato e contexto amplo, Ferreira (2004), expõe que as condições de produção são responsáveis pelo estabelecimento das relações de força interior do discurso e mantêm com a linguagem uma relação necessária, constituindo com ela o sentido do texto.

O contexto sócio-histórico e ideológico contido nas condições de produção, atesta Pêcheux (1999, p. 11) que será constituído a partir da materialidade de uma certa memória social. A memória social ou memória discursiva, não se refere a lembranças que temos do passado, a recordação que um indivíduo tem do que já passou, de acordo com Courtine (1981). Para fundamentar o conceito de memória discursiva, Fernandes (2008) conceitua:

A memória discursiva é o espaço de memória como condição do funcionamento discursivo constitui um corpo-sócio-histórico-cultural. Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. Trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção. (FERNANDES, 2008, p. 40).

Portanto, na Análise do Discurso, a memória tem um papel valioso: Pêcheux precisa avaliar o fato discursivo, assim como as mudanças que ocorrem dentro do discurso e os novos significados que um acontecimento histórico apela a partir das novas sucessões de enunciados que se formam a partir da precarização do que é dito normalmente.

2.2.5 Formações Imaginárias

Para melhor esquematizar o conceito de Formações Imaginárias, Pêcheux, em Análise Automática do Discurso, faz menção à representação feita por Jakobson, a qual possuía a [...] vantagem de pôr em cena os protagonistas do discurso bem como seu referente” (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 81), porém, ele concluiu que a mensagem era tratada como “transmissão de informação”. E, para que ocorra essa transmissão de informação ou “o esquema da comunicação” (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 82), é necessária a presença física de organismos humanos individuais: o destinador e o destinatário, os quais são considerados “lugares sociais” (PÊCHEUX, 1997 [1969]).

Dentro das Formações Imaginárias inexistem relações necessárias entre o lugar do sujeito e o seu discurso. Digamos que, por exemplo, pode-se pensar em um funcionário que não tem um discurso de funcionário, mas de gerente, um escritor antimachismo que não produz um discurso que condiga com o que se espera dele. Pêcheux, em suas palavras:

Nossa hipótese é a de que esses lugares estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo. Entretanto, seria ingênuo supor que o lugar como feixe de traços objetivos funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, presente, mas transformado; em outros termos o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 82).

À vista disso, para a AD, o processo de Formação Imaginária está correlacionado à Ideologia, bem como o sujeito e o sentido; é preciso que se entenda como funciona, nessa relação, a projeção das imagens dos sujeitos, “assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica” (ORLANDI, 2005, p. 40).

Sobre o Imaginário, Orlandi (2005), analisa:

Assim, não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. (ORLANDI, 2005, p. 40).

Dentro da noção de Formações Imaginárias, o imaginário nos direciona à afirmação de Pêcheux (1997), de que “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”, sendo estas definidas por ele como “circunstâncias de um discurso”. Dentro das tais, ele destaca:

O que funciona nos processos discursivos é uma série de formulações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro. (PÊCHEUX, 1997, p. 82).

Portanto, nas palavras de Pêcheux (1997, p. 83 *apud* TFOUNI, 2019, p. 4), partindo de questões como: “Quem sou eu para lhe falar assim?”; “Quem é ele para que eu lhe fale assim”; “Quem sou eu para que ele me fale assim?”; “Quem é ele para que me fale assim?”, são alguns questionamentos que vão teorizar sobre as relações/projeções imaginárias que atravessam todo e qualquer processo discursivo.

2.2.6 Uma breve representação da participação masculina nas tarefas domésticas.

Nos últimos tempos, os estudos voltados para a constituição de um novo arquétipo familiar e para as problemáticas relacionadas às mudanças dos papéis sociais dentro do seio familiar que, como dito anteriormente, foram constituídos a partir de um imaginário cultural, têm se tornado alvo de abordagens e investigações, sobretudo no que se refere à divisão sexual do trabalho.

Os estudos sobre gênero, principalmente no que diz respeito aos papéis inseridos ao masculino e ao feminino, buscam debater comparativamente as suas representações dentro do ambiente doméstico. De fato, cada pesquisa tem corroborado a busca de uma maior compreensão dos fenômenos e problemas que envolvem o homem e a mulher no cotidiano, no exercício de seus papéis institucionalizados (Banissoni & Manetti, 1978; Berger & Luckman, 1976).

Dentro da sociedade, devido à marca patriarcal culturalmente construída, quando um homem exerce funções estranhas ao aceito pela masculinidade hegemônica, este torna-se alvo de críticas preconceituosas, mesmo que essas funções sejam de maneira cooperada. E, para desconstruir essa fundamentação condicionada, sobretudo, na instituição socializadora maior, a família, na qual filhos e filhas assumem "os valores de seus pais que fundamentaram o seu

comportamento de adultos" (Barbosa, 1986, p.80), é necessário um processo de reeducação, porém Cordeiro (1990, p. 7), diz que:

A sociedade, mesmo que compreenda que os direitos do homem e da mulher devam ser iguais, mesmo que consiga transformar em leis esses direitos, continuará com uma atitude resistente a novas concepções - atitude conflitante entre o discurso e prática do cotidiano - pois nossas raízes são conservadoras, nossos valores morais são rígidos e nossa estrutura humana é forjada pelo preconceito. (CORDEIRO, 1990, p.7).

A ideia que se tem sobre masculinidade, parte de um conceito herdado na Idade Média e que, para melhor entender o posicionamento do homem moderno em discrepância ao paradigma da masculinidade, Oliveira (2004) esclarece que a masculinidade consiste em ser um lugar simbólico/imaginário de sentido estruturante no processo de subjetivação:

Na qualidade de estrato constitutivo e articulado do *socius*, apresenta-se como uma significação social, um ideal culturalmente elaborado ou sistema relacional que aponta para uma ordem de comportamentos socialmente sancionados. (OLIVEIRA, 2004, p. 13).

Portanto, diante disso, os valores hodiernos que surgem com um novo ordenamento social não conseguem alterar as ações das pessoas em relação aos papéis sociais. A figura masculina fora desse ideal culturalmente elaborado que aponta ordens de comportamentos que treinam homens e mulheres para exercerem funções típicas, homens que desempenham, por exemplo, os cuidados com a casa, com os filhos, hoje em dia, ainda é escassa, mormente na sociedade brasileira em geral. Segundo Woortmann (1993), a organização da unidade doméstica tem sido tradicionalmente definida pela cultura brasileira segundo as linhas de idade e sexo, onde homens adultos desempenham papéis externos enquanto mulheres adultas desempenham papéis internos.

Com a ascensão da mulher no mercado de trabalho, concomitante aos movimentos feministas de conscientização e busca por uma sociedade igualitária, a ocupação masculina já não é justificativa plausível para a sua omissão no lar. Com isso, uma nova postura, ao menos reflexiva, ao que é alcunhado de "Macho do século XXI", - de acordo com Santos (2013)- tem surgido e rompido com a exclusividade de tarefas femininas: a responsabilidade compartilhada.

A flexibilização das tarefas do lar – tarefas domésticas – entre casais possibilitou, para a mulher, a conciliação das mais diversas tarefas cotidianas. Hoje, enquanto a esposa trabalha e encontra-se provedora do sustento de todos os membros do lar – situação a qual, tradicionalmente, é mais comum entre o homem -, o esposo cuida dos filhos e assume os afazeres domiciliares.

Os homens estão se adaptando; é um processo gradativamente lento, uma vez que, renunciar aos costumes habituais e convencionais, que representam a si, repletos de referências comportamentais estabelecidas desde o início da história não é fácil. Porém, fazendo uma analogia a célebre frase da escritora Simone de Beauvoir (1980) “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, do mesmo modo, pode-se afirmar que a ideia de “tornar-se homem” parte de uma construção interligada ao imaginário social.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para que os resultados desta pesquisa sejam verificáveis, utilizou-se o modelo de pesquisa básica, de caráter descritivo. Por se fazer uso do livro autobiográfico do escritor Cláudio Henrique dos Santos, bem como artigos publicados, predomina-se neste trabalho a pesquisa bibliográfica que segundo Gil (2002, ed. 4º, p. 44) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Ademais, a hipótese de que através da leitura é possível perceber que o autor emprega um discurso de autoconvencimento, considera-se hipotético-dedutivo o método de abordagem, visto que a partir de tal premissa, estabelecer-se-ão os materiais coletados.

Na última etapa, obter-se-á a leitura interpretativa da obra selecionada com a assistência de artigos selecionados para a obtenção dos objetivos específicos. Naturalmente, é a etapa mais complexa, já que tem por intenção relacionar o que o autor afirma com o problema para o qual se propõe uma solução.

Fez-se a seleção de dez (10) recortes que foram extraídos dos vinte e três (23) capítulos do livro que foram associados analiticamente à teoria de Michel Pêcheux, bem como a análise da fotografia apresentada no primeiro capítulo. Os três primeiros recortes, que tratam do Sujeito Dividido, encontram-se, respectivamente, na página 13 do primeiro capítulo, na página 124 do capítulo XVIII e na página 14 do primeiro capítulo; o quarto recorte, que trata do processo de Formação Discursiva, foi retirado da página 11, capítulo I; os recortes V, VI e VII, nesta ordem, podem ser encontrados nas páginas 79 do capítulo XII, 68 do capítulo XI e 79 do capítulo XII; os três últimos recortes que analisam as Condições de Produção estão localizados nas páginas 124, 69 e 143, capítulos XX, X e XXII, por essa ordem.

De natureza descritiva, pois se trata de uma autobiografia, o livro descreve a jornada assumida por Cláudio que, da noite para o dia, viu-se com novas tarefas e, para isso, precisou encarar com naturalidade o desprendimento. Com uma narrativa muito bem-humorada e exemplar o autor conta os principais pontos dessa nova etapa: desafios internos e críticas externas. Esse texto servirá de base para a compreensão de sentido, os fatores ideológicos herdados que anunciam o preconceito, do mesmo modo que será utilizado como argumento para a resolução do problema aqui apresentado. A Análise do Discurso (AD), segundo ORLANDI (2005) trata do discurso, da palavra em movimento. Na AD procura-se compreender a língua fazendo sentido, direcionando a um estado de reflexão, permitindo uma relação menos ingênua com a linguagem. Sendo assim tem-se a necessidade de adaptação e transição do discurso, e, para que isso seja elucidado, mecanismos ofertados pela corrente teórica escolhida serão usufruídos em defesa da tese.

4 ANÁLISE DO CORPUS

Esta seção se destina à análise da imagem presente no primeiro capítulo do livro e dos recortes feitos da obra “Macho do século XXI: o executivo que virou dona de casa. E acabou gostando”, em consonância às esferas extraídas na teoria da Análise do Discurso que foram pontuadas na etapa anterior deste trabalho.

É importante deixar esclarecido, que para se fazer uma análise de discurso, não é possível chegar a um denominador comum sem conjugar as categorias estudadas pela AD. No entanto, perceber-se-á, que no desenvolver da análise, optou-se por avaliar a categoria que se predomina no recorte extraído do livro.

Publicada pela editora Claridade, a obra chamou a atenção dos meios midiáticos, como provam as diversas matérias, bem como o canal criado no *Youtube*¹ pelo próprio autor (que atualmente possui 1.065 inscritos) e que também foi tema em revistas impressas e eletrônicas². Vale ressaltar que, para a produção do livro, Claudio contou com a influência e persistência da amiga Mara Luquet, especializada em finanças pessoais, a qual afirma que o amigo resistia a todas as ofertas entusiasmadas por ela lançadas:

Desde quando eu soube da decisão do Cláudio Henrique de embarcar como sua mulher Daniele nesta aventura, avisei: você precisa anotar tudo para escrever um livro. Nas poucas vezes que nos vimos desde que eles pegaram o avião para Cingapura, insistia que ele deveria começar a escrever o livro. Mas ele resistia. (LUQUET, 2013, grifo nosso).

Passando ao objeto de análise propriamente dito e levando em consideração o problema estabelecido nesta pesquisa, é fundamental explorar a imagem inserida logo no início da obra, especificamente no primeiro capítulo, que de maneira direta, dialoga com a capa.

4.1. Análise da fotografia

Figura 1- página 12

¹ Vide o canal disponível na plataforma em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Qa8NORjvfqo&t=90> >. Acesso em: 14 mai. 2011

² Entrevistas disponíveis em:< <http://www.machodoseculo21.com.br/Videos.asp> > . Acesso em: 14 mai. 2022



Digitalizado com CamScanner

Posicionando-se centralizado, o autor se mostra, a partir dessa figura visual construída, desempenhando papéis como executivo e “dona de casa” simultaneamente: tem-se a inserção de objetos que remetem ao âmbito profissional (o telefone, o uso da vestimenta social) e o aspirador de pó (objeto usado nos serviços domésticos). Dessa maneira, pode-se associar a função de sujeito exercida pelo autor na imagem representada acima como sendo um sujeito classificado nos moldes da segunda fase da AD:

[...] um sujeito que passa a representar diversos papéis, diversas funções de acordo com os lugares que ocupa no espaço interdiscursivo, assim como, exerce mais de uma função, mas não é totalmente livre, pois sofre a coerção da formação discursiva por uma formação ideológica. (SANTOS; SILVA, 2009, p. 39)

O Sujeito Discursivo “Claudio” estabelecendo a condição de escritor, ao mesmo tempo, almeja a visibilidade do seu trabalho, mostra-se numa função coercitiva a qual ele precisa, de maneira caricatural, exercer atribuições não consideradas do seu feitiço: cuidar da casa. E, para chegar a essa conclusão, é notório que o fato de ele estar posicionado sofisticadamente no centro da imagem, apoiando-se num aspirador de pó, que remete ao leitor a ideia de “serviço doméstico”, da mesma forma que a sua vestimenta social representa o serviço profissional por ele anteriormente exercido (executivo), intencionalmente, ao analisar os pontos principais do seu texto, o autor de “Macho do século XXI” almeja manifestar o seu material publicado, buscando atrair olhares a partir da sua compostura fotográfica.

Para continuar a reflexão, analisam-se agora os recortes retirados do livro que serão seguidos de maneira sequencial aos capítulos escolhidos.

4.2. Sujeito Dividido: análise de três (3) recortes

Recorte I:

“No início parecia uma loucura, a qual os meus amigos (me refiro aos homens, é claro) nunca entenderam muito bem. E qualquer um que tenha um pouco de juízo terá alguma dificuldade para compreender mesmo”. (SANTOS, 2013, p. 13)

A noção de Sujeito Dividido, segundo Ferreira (2004), ocorre quando, diante do exposto, nota-se que existe um sujeito dicotômico, conflitante, impossível de se identificar. A princípio, é possível perceber que existe essa divisão de identidade no Sujeito. Ao passo que, intencionalmente (de forma consciente), o autor, mostra amistosamente a sua assunção o atual papel desempenhado, através do discurso da autoajuda³, permeado por toda obra – facilmente identificado através das “dicas”, o qual busca uma relação de afinidade com o leitor: “meus amigos”; inconscientemente, ele abre espaço para constatações de insatisfação, através do discurso preponderantemente de autoconvencimento e que, desse modo, conclui-se que a sua atribuição não é aceita de bom grado: “E qualquer um que tenha um pouco de juízo terá alguma dificuldade para compreender mesmo”.

³ Rudiger (1996) descreve a literatura de autoajuda como material de teor prescritivo que visa à solução dos problemas vivenciados pelo homem moderno, tais como: existenciais, de relacionamento pessoal, os amorosos e os profissionais.

Recorte II:

“Além disso, precisávamos de alguém para arrumar a casa, cozinhar, lavar a louça etc. e não poderíamos pagar a ninguém em tempo integral para fazer isso, assim, eu assumia pra valer, com o maior orgulho e dignidade, minha condição de “Macho do século XXI”. (SANTOS, 2013, p. 124)

O sujeito inconsciente (ou o sujeito Uno, assim dotado pela psicologia) se manifesta através de justificativas as quais buscam atenuar uma frustração latente. Para a análise do Discurso, os indivíduos não são donos do seu dizer, não controlam o que dizem, bem ao contrário, são submetidos ao que têm de dizer. (SANTOS; SILVA, 2009, p. 38). Essa submissão ocorre, justamente, pelo fato de que o sujeito discursivo objetiva provocar determinado efeito no público leitor, mas o seu inconsciente revela uma dubiedade subentendida. Diante disso, é importante ressaltar que a competência do sujeito é construída ao longo da narrativa: ele não é um sujeito previamente modalizado, mas um sujeito que adquire sua competência na medida em que passa à ação, em que ajusta sua sensibilidade para construir uma relação com o leitor. (OLIVEIRA, 2018, p.184).

Recorte III:

“Hoje, quando alguém me pergunta qual é a minha profissão, eu falo com a maior satisfação do mundo que sou um *daddy in home*, que é uma maneira mais bonitinha de dizer “papai dona de casa.” (SANTOS, 2013, p. 14)

Ainda a respeito da noção de sujeito dividido, destaca-se o uso do lexema “dona de casa” que, apesar de anunciado no título da obra e embora utilizado repetidamente pelo autor, não é explicitamente assumido. Percebe-se que, ao fazer uso da expressão *daddy in home* que, como o próprio Cláudio afirma: “é uma maneira bonitinha de dizer “papai dona de casa” o autor que assumiu a condição de “Macho do século XXI”, busca “maquiar” a sua função, uma vez que, de acordo o sedimentado imaginário cultural da sociedade patriarcal, a concepção das práticas domésticas está associada à predominância de atribuições “femininas”. Outra questão importante é a não-flexão do verbete “dona” ⁴que permite a variação de gênero, porém não se constata no livro. Fato que, de certo modo, decorre dessa “ambiguidade” do sujeito no discurso.

⁴ Houaiss e Villar (2001) 2. p.ext. mulher que se casou ou vive maritalmente, independentemente do nível econômico-social; esposa”; “6. d. de casa mulher que administra a casa, cuidando cotidianamente dos afazeres domésticos”.

4.3. Formação Discursiva (FD): análise de 1 (um) recorte

Recorte IV:

“As mulheres ficam sempre empolgadíssimas. Em breve, você entenderá a razão. Os homens, por sua vez, não mostram o mínimo interesse. Algumas vezes posso sentir até certa compaixão, eu como bom filho de português, criado num ambiente absolutamente machista, não os culpo. Provavelmente também torceria o nariz, caso não se tratasse da minha própria vida”. (SANTOS, 2013, p. 11)

Levando em consideração que o processo de Formação Discursiva para que seja compreendido, necessita de alguns princípios reguladores que compõem a base de discursos efetivos formados a partir das formações ideológicas que o correspondem (BARONAS, 2007. P. 206), o recorte acima, sob essa perspectiva, recupera concepções da masculinidade hegemônica⁵ herdadas de discursos reverberados pela sociedade culturalmente patriarcal – “filho de português” – do mesmo modo que reforça o estereótipo do homem avesso aos serviços domésticos: “Provavelmente também torceria o nariz, caso não se tratasse da minha própria vida”. Percebe-se, então, que o seu enunciado parte de uma materialização ideológica imbricada a partir de conceitos conservadores os quais, quando condicionados ao rompimento simbólico, geram “vergonha”.

Em outras palavras, essa vergonha suscita de um dever que é assumido pelo sujeito, visto que se trata de uma obra escrita por um homem de classe média alta, casado com uma mulher de largo poder aquisitivo, que enuncia a individualidade versada sob uma única ótica: a de si mesmo; determinado pela sua condição social, bem como pelos seus valores formados ideologicamente... Todas essas questões são discernentes à moralidade social que, quando não correspondidas, resultam naquilo que é chamado de segregação.

4.4 Formações Imaginárias: análise de 3 (três) recortes

Recorte V:

“Para outros homens, conviver com um “macho da minha espécie” não é tão interessante assim. Eu sentia isso claramente com os brasileiros que conheci em Cingapura. Todos eles, sem exceção, haviam sido transferidos para lá em função do trabalho. E eram as

⁵ Oliveira (2004) diz que na qualidade de estrato constitutivo e articulado do *socius*, apresenta-se como uma significação social, um ideal culturalmente elaborado ou sistema relacional que aponta para uma ordem de comportamentos socialmente sancionados.

esposas que haviam deixado suas carreiras para trás, o que é considerado super normal. O meu caso, exatamente o oposto, acabava chocando”. (SANTOS, 2013, p. 79)

Depreende-se a partir do trecho destacado, como o suposto julgamento implícito do outro provoca no sujeito um sentimento de “vergonha” por expor o seu papel temático, a sua forma de vida “homem do lar”. O efeito de sentido é o de que existe uma exterioridade constitutiva de um imaginário socialmente construído o qual a sedimenta a ideia de que existem papéis pré-estabelecidos são determinados a partir da separação de gênero. Enquanto o homem, o “macho” resgata características engendradas de fatores históricos, o sujeito enunciativo, erroneamente, numa tentativa de autoconvencimento, traz à tona aspectos sócio-históricos. Há, portanto, fatores idealizados à figura do homem que, como mostra o autor, estão intrinsecamente ligados à “sua espécie”. Essa premissa, de fato, restaura a imagem constituída diante de formações imaginárias que reproduzem a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, bem como a imagem que ele faz do seu objeto do discurso.

Recorte VI:

“Por um lado, eu ficava triste, pois via meu instinto masculino, daquele que deveria sair da caverna e trazer a caça para alimentar sua família, profundamente abalado”. (SANTOS, 2013, p. 68)

Novamente é notório o mecanismo de antecipação que provoca sentidos no leitor. Para que os aspectos coadunados às formações imaginárias reverberam num determinado discurso, é necessário observar que, no trecho acima, Claudio menciona que o fato de ele estar na condição de “homem do lar” provoca-lhe descontentamento, pois “o seu instinto masculino” é afetado por argumentações anteriormente ditas, as quais delimitam o gênero “masculino” às suas funções dentro de um determinado contexto social e que, de certo modo, não passam de condicionantes implantados no imaginário social: a dependência financeira em relação à esposa, a assunção de práticas domésticas culturalmente “femininas” e desprestigiadas, a discrepância comportamental e conseqüente isolamento em relação os grupos hegemônicos masculinos. (OLIVEIRA, 2018. p. 191-192).

Recorte VII:

“Nós todos temos uma tendência de pré-julgarmos as pessoas quando ainda não as conhecemos bem. E certamente meus novos amigos pensavam coisas do tipo: o que é que eu

vou conversar com um cara desses? É capaz dele ficar falando da reunião da filha na escola ou da empregada filipina que não anda fazendo o serviço direito... [...] Eu me sentia como se não fizesse mais parte daquele time” (SANTOS, 2013, p. 79).

Vê-se acima um discurso baseado em especulações que buscam justificar a sua “não-assunção temática”. Isso ocorre devido a premissas que advém do seio social que elenca comportamentos de homens e mulheres definidos; papéis e práticas que devem e não devem ser desempenhados por uns e outros e comparação a situação presente “a sua imagem” com o que essa moralidade “boa imagem esperada” prevê. (OLIVEIRA, 2018, p. 192).

Para fundamentar a decorrência acima citada “nós todos temos uma tendência de pré-julgarmos as pessoas quando ainda não as conhecemos bem”, o sujeito discursivo faz o uso do plural majestático⁶ - nós – buscando maior afinidade com o leitor e, desse modo convencê-lo de que “nós todos” partilhamos dessa mesma “tendência”. O que ocorre, de fato, é o envolvimento do autor para com a imagem que ele tem de si e para com a imagem que a sociedade o remete. Ou seja, partindo do pressuposto que o seu produto – livro- traduz um discurso de autoajuda e que, para ser validado, precisa fazer sentido aos leitores, numa tentativa falha, Claudio não se desvencilha de tendências enraizadas na sua formação imaginária que divulgam um discurso de preconceito e indignação. E para isso, segundo a autora Harkot-de-La-Taille (1999, p. *apud* OLIVEIRA, 2018, p. 192): “na indignidade, o sujeito exerce uma auto-sanção negativa e propõe à outra parte uma sanção pragmática ou sua validação” (1999, p. 42). Continua: “Se a configuração da desonra é instaurada de fora pra dentro, do grupo para o sujeito, a partir da imagem projetada, a configuração da indignidade segue o caminho contrário”.

Para concluir e já mencionar o último tópico desta análise, vale salientar que para a construção desse discurso empregado no seu livro, Claudio depende das condições de produção ofertadas a ele, ou seja, para que haja uma compreensão definitiva de todos os discursos reproduzidos a partir de outros discursos, faz-se necessário avaliar a relação existente entre as condições de produção que materializa e articula o seu dizer representado por uma formação imaginária.

⁶ De acordo com Shinjo (2020), o plural majestático, também chamado plural de modéstia, ocorre quando os pronomes pessoais no singular são trocados propositalmente pelos do plural para amenizar a fala. Por exemplo, em certas ocasiões torna-se mais conveniente uma autoridade dizer “vamos fazer”, do que “vou fazer”, pois a primeira forma é mais modesta.

4.5 Condições de Produção e Memória: análise de 3 (três) recortes

Para compreender as condições de produção que cercam o discurso produzido pelo autor Claudio Henrique dos Santos, é necessário compreender os sujeitos e a situação, do mesmo modo que acionar a memória deste que pronuncia. Sabe-se que se for considerar as condições de produção em sentido estrito, deve-se observar o contexto imediato (ORLANDI, 2009, p.30). Porém, o que de fato interessa à AD são as condições observadas em sentido amplo, pois estas incluem o contexto sócio-histórico e ideológico.

Recorte VIII:

“Para resolver a questão da falta de um *back-up*, decidimos contratar por algumas horas da semana uma pessoa um pouco mais qualificada (e mais cara, diga-se de passagem) – que aqui eles chamam de *Family Assistant* – que pudesse fazer a limpeza mais pesada e ao menos ser uma pessoa que poderíamos acionar numa emergência, se necessário”. (SANTOS, 2013, p. 124).

O contexto imediato se configura a partir da situação/problema: um homem de classe média-alta, casado, filho de pais portugueses, habituado ao trabalho desde novo, autônomo e independente financeiramente. De repente, deparou-se como fato de mudar-se para o exterior, abrir mão da sua rotina e independência para morar com a esposa e filha em Cingapura. Dessa forma, tornando-se dependente financeiramente da sua esposa que se torna única provedora do sustento da “Família Santos.” No entanto, como citado acima, é notório que o homem não exerce as funções domésticas integralmente, pois a família decidiu contratar uma assistente. É fato que, a mudança causa impacto, estranheza e medo, sobretudo por se tratar de uma figura masculina, pois se sabe que as imagens positivamente valorizadas estão ligadas ao “homem no espaço público”, “trabalhador” “provedor” e as da “mulher no espaço doméstico”, “mãe”, “cuidadora”, a inversão sendo considerável até aceitável para a mulher, porém desonrosa e antes disso, indigna para o homem (OLIVEIRA, 2018. p. 191). O autor, para escrever a sua versão, o seu ponto de vista de acordo com as suas crenças e vivências, fez uso do seu aporte ideológico para a construção de sentido.

Recorte IX:

“Técnicamente, eu não era uma dona de casa, o que era melhor ainda, pois eu tinha benefícios de ficar com a Luiza e o tempo livre para fazer o que quisesse, sem ter de cuidar dos afazeres domésticos.” (SANTOS, 2013, p. 69).

Em paralelo ao comentário anterior, e ainda sobre o contexto imediato que envolve elementos da realidade do autor para a determinação de sentido. Pêcheux (1969) trabalha com a hipótese de que a determinadas condições de produção correspondem invariavelmente determinadas estruturas semânticas e retóricas, isto é, as condições de produção garantem discursos estáveis.

O que condiciona o discurso do autor Claudio para que se possa fazer uma análise do contexto imediato é exatamente o seu dito acima. A princípio, como referido pelo autor, ele desempenha apenas as atribuições de cuidar da filha e realizar alguns serviços externos: ir ao mercado, levar a filha à escola... Sendo assim, observa-se que o seu papel “dona de casa” se refere ao cuidado com a filha que, de fato, é uma atividade que lhe causa satisfação e, de certo modo, atenua conscientemente o fato de ele precisar “assumir” o seu papel como homem do lar. O contexto imediato traz à tona um contentamento ao autor, isso porque o seu cuidado para com a sua filha te deixar e entretido e satisfeito por saber que poderá aproveitar maior parte do seu tempo sob a sua companhia e, desse modo, faz com que ele não se veja desempenhando, de fato, o seu papel “dona e casa”. Esse interesse da AD pelo contexto imediato contribui apenas para a compreensão dos enunciadores que contribuem para o assujeitamento da sua Formação Discursiva.

Recorte X:

“Como já mencionei, a decisão de deixar minha carreira de lado para apoiar a minha esposa foi a mais difícil da minha vida. Este livro não tem a pretensão de ser um guia para quem for passar por uma situação semelhante. Mas de qualquer maneira, como eu já “fui para o sacrifício”, não custa nada dividir algumas dicas. Mesmo porque se trata de uma situação que não é tão incomum para as mulheres, mas que ficará cada vez mais comum para os homens no futuro. Acredito que essas dicas podem ser úteis para ambos, embora reconheça

que as coisas ainda são um pouco mais complicadas para os “futuros Machos do século XXI”. (SANTOS, 2013, p. 143).

O contexto amplo se mostra da seguinte forma:

Um homem na atualidade, porém com memórias e situações construídas durante toda a trajetória inserida numa sociedade patriarcal, segregatória e de cunho machista. Na era do “acesso à informação”, existem os processos de desconstrução no estigma à inversão de papéis, sobretudo quando é a figura masculina que ocupa o lugar da minoria social “MULHER”. Como já dito anteriormente, o autor busca a desconstrução de velhos estereótipos ao mostrar publicamente o estilo de vida, como se isso bastasse para o público leitor acreditar que o simples fato de ele estar inserido num ambiente doméstico implicaria na crença de que o seu “novo papel” condiz com a realidade feminina, sendo que no fim das contas, Claudio foi condicionado à quebra de uma ideologia machista sem o seu consentimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho fez uso das categorias apresentadas pela Análise do Discurso de linha Francesa concebida por Michel Pêcheux (1997), bem como utilizou do livro autobiográfico do autor Claudio Henrique dos Santos – Macho do século XXI: o executivo que virou dona de casa. E acabou gostando – para a abordagem do tema proposto: “Homens do lar: o estigma social imputado à nova geração masculina [..]”.

Quando esse trabalho foi iniciado, mencionou-se que existe um movimento cada vez mais frequente que aborda questões de gênero de tal maneira que visa à desconstrução de estigmas constituídos a partir de uma cultura patriarcal, notou-se que, de certo modo, mantém-se uma certa resistência às novas estratégias que rompem o preconceito culturalmente sedimentado no imaginário social, bem existe uma carência literária no que diz respeito à temática trabalhada.

Pensando nisso, estabeleceu-se o objetivo geral para a compreensão de como o sujeito discursivo se manifesta diante da sua nova forma de vida: *daddy in home*. Diante disso, certificou-se que determinada demanda foi atendida a partir da análise precisa dos elementos apresentados pela AD. Os objetivos específicos instituídos, quais sejam: analisar os dez (10) recortes retirados do livro, assim como analisar a figurativização dos elementos contidos na imagem do primeiro capítulo; examinar a não-assunção do ator “Macho do século XXI” e descrever os papéis desempenhados pelo homem, foram igualmente atingidos, pois a não-assunção do ator “Macho do século XXI” no seu papel “homem do lar” foi comprovada tanto diante da observação dos elementos semióticos presentes na imagem do primeiro capítulo quanto pela análise dos recortes que responderam ao problema de pesquisa anteriormente citado - a partir dos mecanismos ofertados pela Análise do Discurso, é possível afirmar que o enunciador da obra analisada assume essa nova configuração de “homens do lar?”.

Portanto, tem-se a relevância do presente trabalho como amostra do discurso ideológico manifestado diante da busca por romper parâmetros estabelecidos socialmente que determinam papéis/tarefas a partir do sexo de um indivíduo.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidades enunciativas. Cadernos de estudos Linguísticos.** 19. Campinas, IEL. 1990.
- BANISSONI, M. e Mannetti, Eu. **Lavoro extradoméstico e atteggiamenti verso la condizione dela donna.** Em G. Rossi (Org.), Ruoli sessuali e Lavoro estramodéstico. Roma: Bulzoni.
- BARBOSA, Ana Mae T. B. **Arte e Educação no Brasil.** 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1986. 132 p.
- BARONAS, R. **Ainda sobre a noção-conceito de formação discursiva em Pêcheux e em Foucault.** In: _____. (Org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2007, p. 199-211.
- BARONAS, R. **Ensaio em Análise de Discurso.** 1º ed. São Paulo: Edufscar, 2011. 156 p.
- BARONAS, Roberto Leiser. (org.) **Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva.** Araraquara: Letraria, 2020.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo – fatos e mitos;** tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- BERGER, P. e Luckmann, T. **Uma construção social da realidade.** Petrópolis: Vozes, 1976.
- BRASIL, L. L. Michel Pêcheux e a Teoria da Análise de Discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Linguagem: Estudos e Pesquisas,** Goiânia, v. 15, n. 1, 2014. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/32465> > . Acesso em: 20 maio. 2022.
- CESÁRIO, A. C. C.; ALMEIDA, A. M. C. **Discurso e ideologia: reflexões no campo do Marxismo estrutural.** Paraná: Maringá. 2010. 8 p. Disponível em: <file:///C:/Users/Lays%20Alfano/Downloads/6958-Texto%20do%20artigo-33828-1-10-20100303.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2022.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia.** 2.ª edição. Brasiliense, São Paulo, 1981.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do Discurso político: a propósito do discurso comunista dirigido aos cristãos.** Revista Langages 62. 1981. (Tradução provisória por Sílvia Possenti, circulação restrita).
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso - reflexões introdutórias.** 3. ed. São Carlos: Claraluz, 2008. v. 1. 128 p.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia.** 6 ed. São Paulo. Editora Ática, 1998

- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.
- GREGOLIN, M. R. **Comunicação, mídia e consumo: Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. São Paulo, Vol. 4, N. 11, P. 11-25 Nov. 2007.
- HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. **Ensaio semiótico sobre a vergonha**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001
- INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2007.
- MALDIDIER, Denise. **(Re) lire Michel Pêcheux aujourd'hui**. In: **L'inquiétude du discours**. Paris, Éditions des Cendres, 1990.
- MALDIDIER, Denise. [1990] **A inquietação do discurso — (Re) ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas: Pontes, 2003.
- MUSSALIM, F. Análise do discurso. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A.C. (org). **Introdução à Linguística**. Domínios e fronteiras. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2004.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- OLIVEIRA, Raíssa Medici. **HOMENS "NO LAR" OU HOMENS "DO LAR"?: forma de vida do ator homem "dono de casa" na cultura brasileira**. Repositório Unesp. P 176 – 221, nov, 2018.
-
- ORLANDI, Eni P. **A análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5ª Edição, Pontes Editores, Campinas, SP. 2005
- ORLANDI, E. P. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso (Michel Pêcheux et l'Analyse de Discours). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 9-13, 2005. DOI: 10.22481/el.v1i1.973. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/973>. Acesso em: 20 maio. 2022.
- PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas : Unicamp, 1997
- PÊCHEUX, Michel; DELUY, Henri [1975]. **Entrevista com Michel Pêcheux**. In: PIOVEZANI,
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.
- RUDIGER, F. (1995). **Literatura de autoajuda e individualismo**. Porto Alegre: UFRGS.
- SHINJO, Daniel Pastor. **Plural Majestático**. IESJ. Ministério de Campinas. São Paulo, 2020. Disponível em: < [Plural majestático | IESJ \(gloria-aleluia.org.br\)](http://Plural%20majestático%20|%20IESJ%20(gloria-aleluia.org.br))> Acesso em: 20 maio 2022.
- SOUSA, Filho Alípio. **Ideologia e Transgressão**. Rev. Psicol. Polit. [online]. 2011, vol. 11, n22, p 207 – 224.

TFOUNI, Fabio Elias Verdiani; PEREIRA, Anderson de Carvalho. **Entre o acontecimento e a memória: discursos sobre o Papa Francisco em capas de revista de grande circulação.** Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v.16, n. 1, p. 11-33, jan./abr. 2016

WOORTMANN, L. **O domínio doméstico.** Em GA Silva (org.), A família das mulheres. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.